

O estudo das línguas bíblicas: descartável ou essencial?

Marie Ann Wangen Krahn*

Resumo: Com base em argumentos e práticas de Martim Lutero, que diz que não se pode fazer teologia sem filologia, este artigo questiona o pouco tempo investido no ensino das línguas bíblicas em muitas instituições luteranas de formação teológica. Apresenta alguns argumentos dados por estas instituições para justificar o corte de horas no ensino destas línguas. Depois apresenta argumentos providos tanto de Martim Lutero como de outros autores, de obreiros/as e de estudantes para justificar a intensificação do estudo das línguas bíblicas. Para concluir, trabalha dois textos curtos do Antigo Testamento a partir do hebraico, mostrando, na prática, como o conhecimento de hebraico ajuda na compreensão do texto e dos comentários sobre o texto. Com isto tenta mostrar que o conhecimento das línguas bíblicas é uma ferramenta importante para um fazer teológico mais consistente, profundo, autónomo e contextualizado.

Resumen: Con base en argumentos y prácticas de Martín Lutero, que dice que no se puede hacer teología sin filología, este artículo cuestiona el poco tiempo invertido en la enseñanza de las lenguas bíblicas en muchas instituciones luteranas de formación teológica. Presenta algunos argumentos ofrecidos por estas instituciones para justificar el corte de horas en la enseñanza de estas lenguas. Después presenta argumentos provenientes tanto de Martín Lutero como de otros autores, de obreros/as y de estudiantes para justificar la intensificación del estudio de las lenguas bíblicas. Para concluir, trabaja dos textos cortos del Antigo Testamento a partir del hebreo, mostrando, en la práctica, como el conocimiento de hebreo ayuda en la comprensión del texto y de los comentarios sobre el texto. Con ésto intenta mostrar que el conocimiento de las lenguas bíblicas es una herramienta importante para un quehacer teológico más consistente, profundo, autónomo y contextualizado.

Abstract: Based on arguments and practices of Martin Luther, who says that one cannot do theology without philology, this article questions the little time invested in the teaching of biblical languages in many Lutheran institutions of theological formation. It presents some of the arguments given by these institutions to justify the cut in hours of teaching these languages. Then it goes on to present arguments from Martin Luther as well as from other authors, from church workers and from students to justify the intensification of the study of biblical languages. It concludes with an analysis of two Old Testament texts based on the Hebrew, showing in practice how the knowledge of Hebrew helps to understand the text and the commentaries about the text. Through this it attempts to demonstrate that the knowledge of biblical languages is an important tool in producing a deeper, more consistent, autonomous and contextualized theology.

* Ms. Marie Ann Wangen Krahn é professora de Hebraico na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, RS.

Para que estudar hebraico e grego? Já temos muitas traduções, muitas delas bem feitas. Temos programas eletrônicos que fazem as análises gramaticais dos textos – já está tudo prontinho para nós. Será que acrescenta algo eu fazer o meu próprio trabalho de tradução? Será que todas as horas dedicadas ao estudo destas línguas de fato contribuem para o aprofundamento do fazer teológico?

Se olharmos a tendência curricular de várias instituições luteranas de formação teológica, tanto do Brasil como de outros países, poderíamos interpretá-la como respondendo *não* a estas perguntas. O tempo de investimento previsto no currículo para o estudo e uso destas línguas é tão pouco que dá a entender que estas instituições e, por extensão, as igrejas às quais pertencem, já não acreditam que o conhecimento das línguas bíblicas contribua para um fazer teológico mais profundo e consistente. Quando este assunto é abordado, vários argumentos são apresentados para justificar o corte do tempo investido no ensino e estudo das línguas bíblicas: implica um custo muito alto para pouco rendimento, pois poucos/as obreiros/as *usam* estas línguas no seu trabalho cotidiano; para aprender bem uma língua são necessárias muitas horas de prática e estudo o que implicaria um aumento na grade curricular, o que, por sua vez, aumentaria o tempo de estudo e, com isso, o custo dos estudos; poucas pessoas realmente têm interesse em aprender hebraico e grego; e, ainda, os dois argumentos apresentados no começo deste artigo.

Eu quero, neste artigo, apresentar alguns argumentos e exemplos que se contrapõem ao exposto acima, pois eu acredito que o conhecimento de, pelo menos, hebraico e grego, continua sendo crucial para um fazer teológico mais profundo, mais consistente, mais autônomo e mais contextualizado. Como eu sou professora de hebraico, muito do que apresento de comentários, exemplos e sugestões refere-se ao estudo do hebraico, porém, uma boa parte do que vale em relação ao hebraico também diz respeito ao grego.

Primeiramente, apresento argumentos baseados no nosso legado da Reforma de Martim Lutero. Ao olharmos para Lutero e as origens do luteranismo, damo-nos conta de que as descobertas teológicas centrais do pensamento de Lutero são fruto do seu estudo das línguas originais da Bíblia, especialmente do hebraico. Por exemplo, a compreensão de Lutero sobre a justiça de Deus que reveste o ser humano tem a ver com a sua descoberta do sentido causativo dos troncos hif'il e hof'al de vários verbos.

As formas causativas, isto é, as formas do Hif'il e Hof'al, do verbo em hebraico, levaram Lutero à convicção de que as Escrituras Sagradas devem

ser, em muitos casos, interpretadas causativamente, isto é, como algo induzido por Deus. Para aqueles que não tiveram o prazer de aprender Hebraico, quero dar um exemplo desta forma verbal: “eu bati” é um indicativo, “fui atingida” é a voz passiva, “permiti bater” é o causativo. Siegfried Raeder, que em três volumes cuidadosamente analisou o uso que Lutero fez da língua hebraica, de 1509 até 1521, aponta corretamente para o fato de que, com este uso [do causativo], a pré-condição formal da compreensão da Reforma sobre a justiça de Deus foi estabelecida¹. Sendo que as formas do causativo transferem a causa para o centro, o Deus atuante é conseqüentemente transferido para o ponto central da teologia².

A Reforma se fundamenta nas descobertas feitas por Lutero através da maneira humanista com a qual ele releu a Bíblia, isto é, usando as línguas originais para ajudar na interpretação da Bíblia e dos outros escritos. Lutero considerou o grego e o hebraico

[...] as bainhas onde está o facão do Espírito (Santo). Eles são o armário onde está esta pedra preciosa (= Evangelho). Eles são o vaso onde está esta bebida (= Evangelho). Elas são a despensa onde está este alimento (= Evangelho).³

O Pastor Albérico Baeske afirma que no entendimento de Lutero não era possível encontrar o Evangelho sem estas línguas.

Elas são expressão da liberdade e da encarnação de Deus. Por um lado, documentam a comparência de Deus junto à humanidade e, por outro, a sua não-disponibilidade para o bel-prazer dela. Por isso Lutero chamou o grego e o hebraico de “línguas santas” – santas por causa das Escrituras Sagradas. E ligou o amor ao Evangelho e a presença do mesmo ao amor e à preservação destas:⁴

Já que amamos tanto o Evangelho é preciso que nós nos exercitemos duramente nas (mencionadas) línguas [...] se perdemos as (essas) línguas – do qual Deus nos guarde – não só perderemos o Evangelho [...] Por conseguinte, não permanecendo as (essas) línguas, desaparecerá, no fim, também o Evangelho.⁵

1 RAEDER, Siegfried apud JUNGHANS, Helmar. **Martin Luther in Two Centuries: the Sixteenth and the Twentieth**. St. Paul, Minnesota: Lutheran Brotherhood Foundation Reformation Research Library, 1992. p. 11.

2 JUNGHANS, 1992, p. 11.

3 WEIMARER Ausgabe 38,8-11 apud BAESKE, Albrecht. Como se estuda e vive teologia conforme Lutero. In: HOCH, Lothar C. (Ed.). **Formação teológica em terra brasileira**. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 78.

4 BAESKE, 1986, p.78-79.

5 WEIMARER Ausgabe 17s.; 38,12-14 apud BAESKE, 1986, p. 79.

Para Lutero, não é possível fazer teologia sem filologia, isto é, sem o estudo e o uso destas línguas (e do latim). Lutero lecionava o Antigo Testamento. Ele fazia parte da primeira geração daqueles eruditos que reintroduziram o grego e hebraico em adição ao latim no labor exegético. Portanto, estudar estas línguas faz parte do nosso ser luterano. Pergunto: com a maioria das grandes instituições teológicas luteranas cortando as horas dadas para estas línguas, o que acontece com a nossa herança luterana? Lutero estava sendo muito radical? Basta o que outros poucos especialistas têm a nos dizer? E como fica o sacerdócio de todos os crentes nesta situação?

Há a necessidade de estudar a Bíblia nas línguas originais, pois isto nos leva de volta para as raízes da fé bíblica.[...] O uso das línguas também é importante para pastores e outros, pois capacita muitos a participarem do trabalho da exegese e interpretação bíblica. Essa é uma tarefa que não devia ser deixada para aqueles que lecionam em seminários teológicos ou estão envolvidos na pesquisa teológica. A tarefa da exegese pertence à Igreja como um todo. Mesmo que estudantes sem as línguas bíblicas têm percebido questões no texto que são significativas, avanços na interpretação de passagens bíblicas ou a integração de conceitos gerais dependem, em grande parte, daquilo que é dado nas línguas originais.⁶

Isto foi dito por um estudioso da Igreja Reformada dos tempos atuais. É verdade que Lutero limitaria este *todo* dizendo que “traduzir não é a habilidade de todo homem [...]. É necessário ter um coração correto, devoto, honesto, sincero, temeroso a Deus, Cristão, capacitado, informado e com vivência”⁷. Não é necessário ser um pesquisador especialista ou doutor. É necessário, sim, conhecer o pensamento hebreu e grego, bem como o da língua para a qual se está traduzindo, tão bem que seja possível transpor uma expressão em hebraico para um linguajar que um cidadão brasileiro, por exemplo, possa entender. Isso, sim, entre outras qualidades, é necessário para um/a bom/boa tradutora e um/a bom/boa teólogo/a. Portanto, se quisermos fazer jus à nossa herança luterana, deveríamos, pelo menos nas instituições de formação teológica, dar mais atenção às línguas, tanto às bíblicas como ao vernáculo.

Além da fidelidade às nossas raízes luteranas, existem várias outras razões para estudar as línguas bíblicas. Numa pesquisa entre pastores e pastoras da IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) e

6 JOHNSON, D. apud HARMAN, Allan M. The Place of Biblical Languages in the Theological Curriculum. *The Reformed Theological Review*, Australia, v. 50, n. 3, p. 94, set./dez. 1991.

7 LUTHER, Martin. On Translating: An Open Letter. In: BACHMANN, E. Theodore (Ed.). *Luther's Works: Word and Sacrament I*. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1960. v. 35, p. 194.

estudantes da Escola Superior de Teologia da IECLB, foram levantadas as seguintes motivações: com o estudo das línguas bíblicas se adquire mais autonomia, pode-se ter mais vivacidade e clareza nas prédicas, entende-se o porquê das diferentes traduções, pode-se buscar por conta própria interpretações alternativas⁸.

A seguir, apresento um trabalho com dois textos no original hebraico para exemplificar as motivações acima citadas.

O primeiro texto a ser trabalhado é de Jeremias, no capítulo 1, os versículos 11 e 12. Segue o texto em hebraico, depois a transliteração e a seguir a tradução da versão de João Ferreira de Almeida.

Jeremias 1.11-12

וַיְהִי דְבַר־יְהוָה אֵלַי לֵאמֹר מִה־אֶתֶּה רֹאֵה יְרֵמְיָהוּ וְאָמַר
מִקֵּל שִׁקָּד אָנִי רֹאֵה:
וַיְהִי־אֹמַר יְהוָה אֵלַי הִיטַבְתָּ לְרֵאוֹת כִּי־שִׁקָּד אָנִי עַל־דְּבָרִי
לְעִשְׂתוֹ:

^{BHT} **Jeremias 1.11** wayəhî dəbar-yhwh(ʔādōnāy) ʔelay lēʔmōr māh-ʔattāh
rōʔeh yirməyāhû wāʔōmar maqqəl **šāqēd** ʔānî rōʔeh^h

^{BHT} **Jeremias 1.12** wayyōʔmer yhwh(ʔādōnāy) ʔelay hētābtā lirʔōt kî-
šōqēd ʔānî ʔal-dəbārî la ʔāsōtō

^{BRP} **Jeremias 1.11** Ainda veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Que vês tu, Jeremias? E eu disse: Vejo uma vara de amendoeira.

^{BRP} **Jeremias 1.12** E disse-me o SENHOR: Viste bem; porque eu velo sobre a minha palavra para cumpri-la.⁹

Este texto está dentro do contexto da vocação de Jeremias por Deus para ser profeta. Jeremias estava querendo resistir ao chamado, dizendo que era muito jovem, que não sabia falar, mas Deus insistia e, através de duas visões, lhe dá a certeza de que irá cumprir a sua palavra, a qual Jere-

8 Cf. KRAHN, Marie Ann Wangen. **Ensino e aprendizagem do hebraico**: contextos, princípios e práticas na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

9 BIBLEWORKS. Version 5. Bigfork, MT: Hermeneutika, 2001. Texto de hebraico: **WTT BHS Hebrew Old Testament** (4. ed.); Transliteração: **BHT Transliterated Hebrew OT**; Português: **BRP Portuguese Almeida Bible** (1994).

mias deveria profetizar. O nosso texto é a primeira visão, na qual Deus assegura que vai cumprir sua palavra.

A chave destes dois versículos está no jogo de palavras entre שָׂקֶד ([šāqēd] “amendoeira”) e שָׂקֶדֶּ ([šōqēd] ptc. – forma verbal – “o que vela, o que está alerta”)¹⁰. O que um tem a ver com o outro? Que mensagem é transmitida através deste jogo de palavras?

Neste exemplo, saber hebraico nos ajuda principalmente a *escutar* a assonância, pois o jogo de palavras se dá basicamente nos sons. São duas palavras formadas das mesmas três consoantes, ou seja, da mesma raiz. A única diferença entre as duas palavras é a primeira vogal. Uma é “a” e a outra é “o”. Quem sabe hebraico capta este jogo imediatamente ao se deparar com o texto no original sem precisar primeiro de um comentário.

Depois de nos ajudar a captar o jogo dos sons, o hebraico também nos ajuda a melhor compreender as explicações e argumentos dos/as comentaristas. Segue uma pequena análise do texto, mostrando como o hebraico nos ajuda.

A amendoeira é a primeira árvore a florir depois do inverno. Pode-se dizer que ela desperta cedo e já está alerta enquanto as outras árvores começam a florir. Um comentarista diz que ela “vigia pela chegada da primavera”¹¹. Jeremias vem da cidade de Anatot, que é um centro de plantio de amendoeiras. As amendoeiras fazem parte do seu cotidiano. Podemos imaginar Jeremias olhando um galho de amendoeira e fazendo uma livre associação, através dos sons, com o verbo “estar acordado, alerta, desperto, vigiando, velando” e ver nisto uma mensagem de Deus que lhe assegura que ele iria velar, cuidar da sua palavra para que esta se cumprisse logo¹².

Vejam os outros detalhes onde se nota que saber hebraico ajuda a entender melhor a explicação.

Um comentarista nos remete para algumas versões antigas, a *Vulgata*, que é uma tradução para o latim, e um *Targum* (T), que é uma tradução/interpretação em aramaico. As duas versões refletem uma tradição onde as

10 KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: E. J. Brill, 1994. v. 4, p.1638; SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução Ivo Storniolo; José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. Tradução de: Dicionario bíblico hebreo-español. p. 690.

11 HOLLADAY, William L. **Jeremiah 1: A Commentary on the Book of the Prophet Jeremiah**. Philadelphia: Fortress Press, 1986. cap. 1-25, p. 37.

12 THOMPSON, John Arthur. **The Book of Jeremiah**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980. p. 153; BUTTRICK, George Arthur (Ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. New York: Abingdon Press, 1956. v. 5, p. 806-807.

consoantes foram vocalizadas de forma igual, ou seja, as duas como שָׁקֵד [šōqēd], que é a forma verbal. Com isso, perde-se totalmente a associação. A *Vulgata* traduz a frase מִקֵּל שָׁקֵד [maq̄ēl šāqēd] como sendo מִקֵּל שָׁקֵד [maq̄ēl šōqēd] “uma vara vigiando”. O *Targum* entende a vara como cetro de um rei e a usa como uma metonímia para rei, lendo “um rei querendo o desgosto”. Para defender esta última tradução, remete-se para os versículos 13-14, onde se fala do mal que virá dos reinos do norte¹³.

Aqui podemos ver bem como os Targumim, às vezes, eram traduções já mais elaboradas, comentadas, interpretadas. Toda tradução já é uma interpretação, mas existem as traduções mais formais, literais e as traduções ditas funcionais ou dinâmicas, que tentam contextualizar e/ou facilitar a leitura do texto¹⁴. Mesmo que Cássio da Silva coloque estas duas categorias para as traduções de hoje, eu arriscaria dizer que elas valem também para as versões antigas. Pois também naqueles tempos faziam-se traduções mais literais e outras mais comentadas. Os Targumim, por exemplo, são traduções parafraseadas em aramaico, feitas oralmente ao serem lidos os textos hebraicos diante das congregações, nas sinagogas, no tempo do Império Persa. *Targum* vem da raiz “trgm” que, “como o grego ‘hermeneuo’, o latim ‘interpretor’ e o inglês ‘interpret’ [e o português, ‘interpretar’], abrange tanto ‘traduzir’ quanto ‘explicar’”¹⁵. Portanto, essas traduções eram traduções comentadas, reinterpretadas para aqueles tempos e aquelas situações¹⁶.

Este texto de Jr 1.11-12 também nos mostra a dificuldade que se pode ter com um texto não vocalizado. Como se chegou à tradução que nós temos nas nossas versões modernas? O *Texto Massorético* (TM), que é o texto hebraico, cuja forma consonantal foi consolidada no fim do século I e começo do século II d.C. e cuja forma vocalizada foi concluída e fixada entre 750 e 1000 d.C., é considerado o texto oficial, canônico, pelo menos nas igrejas provenientes da Reforma. Quanto mais se estuda os textos antigos, as diferentes versões e traduções, mais se chega ao consenso de que o TM reflete de forma bastante confiável o texto canonizado antes da fixação

13 HOLLADAY, 1986, p. 38.

14 SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 31-32.

15 FREEDMAN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. v. 6, p. 321.

16 KRÜGER, René; CROATTO, Severino; MÍGUEZ, Néstor. *Metodos exegeticos*. Buenos Aires: Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos, 1996. p. 68; BUTTRICK, George Arthur (Ed.). *The Interpreter's Dictionary of the Bible*. New York: Abingdon Press, 1962. v. 4, p. 749-750; FREEDMAN, 1992, p.321.

das consoantes. Por isso, é preciso argumentar muito bem qualquer alternativa que se queira propor a este texto¹⁷. Existem vários critérios que devem ser tomados em conta antes de se decidir qual versão usar¹⁸. Por exemplo, às vezes a *Septuaginta* (LXX) pode estar baseada num hebraico mais antigo que o preservado pelo TM e, dependendo do caso, isto teria mais peso. Neste caso de Jr 1.11-12, os argumentos para ler שָׁקֵד [šōqēd] em vez de שָׁקֵד [šāqēd] são muito fracos, a ponto de nem aparecerem nos aparatos críticos da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*, nem da *Bíblia Hebraica Kittel*¹⁹. O comentarista achou esta informação das variantes em outros textos²⁰. Mas o exemplo serve para mostrar quanta diferença pode haver quando se muda uma vogal. Sem o conhecimento do hebraico, é difícil entender a argumentação.

Outro mecanismo usado para ajudar na interpretação de termos é estudar o uso destes termos em diferentes textos. Edward Lipinski, no verbete sobre שָׁקֵד no *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, analisa o uso de שָׁקֵד [šōqēd] em Sl 127.1, Pr 8.34 e Ed 8.29, onde o verbo é usado em paralelismos sinonímicos com שָׁמַר [šmr], que significa “guardar, vigiar, cumprir”, entre outros. Neste caso, שָׁקֵד [šōqēd] também pode ser interpretado como “vigiar, cuidar”. Uma ambivalência surge quando o uso do verbo neste texto é comparado com o uso do verbo em Jr 31.28 e 44.27, em que Deus vela sobre os cidadãos de Judá e Israel para trazer o mal. Com isso, fica difícil saber se Deus está vigiando a sua palavra para concretizá-la para o bem ou para o mal no nosso texto, ou talvez para os dois²¹. A comparação com a amendoeira, que tem uma copa grande, poderia dar a entender que Deus estaria velando sobre o seu povo, cuidando dele. Por outro lado, no contexto de juízo em que Jeremias está inserido, poderia ser uma ameaça.

17 KRÜGER; CROATTO; MÍGUEZ, 1996, p. 65, 66.

18 SILVA, 2000, p. 46. A reconstrução da (provável) redação original supõe trabalho crítico em duas direções: crítica externa e crítica interna. Crítica externa analisa o aspecto físico dos manuscritos: quantidade, qualidade, datação. Crítica interna analisa o texto: articulação das idéias, uso das palavras, estilo, teologia. Os critérios para cada um são: crítica externa: a) múltipla atestação; b) manuscritos antigos e confiáveis; c) manuscritos independentes entre si (genealogia e geografia); crítica interna: a) a leitura mais difícil é preferível à mais fácil (*lectio difficilior*); b) a leitura mais breve é preferível à mais longa (*lectio brevior*); c) estilo e teologia do autor; d) não influência de passagens paralelas.

19 BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1967/77. p. 780. KITTEL, Rudolf (Ed.). *Bíblia Hebraica*. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1937. p. 702.

20 HOLLADAY, 1986, p. 38.

21 LIPINSKI, Edward. שָׁקֵד. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*. Stuttgart: Kohlhammer, 1995. v. VIII, p. 447-448.

Encerrando este exemplo, podemos ver que o hebraico nos ajuda a escutar e reconhecer um jogo de palavras e entender as nuances de sentido implicadas por este jogo.

Que relevância tem isso para o fazer teológico ou para o trabalho pastoral e a pregação?

Se lermos este texto sem nenhuma análise mais profunda, o que tem ele a dizer para nós? Simplesmente que Jeremias viu um galho de uma amendoeira e Deus disse que vai cumprir a sua palavra? Mas por que Deus, então, disse para Jeremias: “viste bem!”? O que tem isto a ver com a amendoeira? Por que ver a amendoeira foi considerado “ver bem”? Por que, vendo a amendoeira, Jeremias vai entender que Deus vai zelar por sua palavra? Só podemos responder a estas perguntas conhecendo o jogo de palavras, e esse jogo de palavras só percebemos se soubermos hebraico.

O segundo texto a ser trabalhado se encontra em Números, capítulo 12, versículo 6:

וַיֹּאמֶר שְׁמַעוּנָא דְבַרְי אִם־יִהְיֶה נְבִיאֲכֶם יְהוָה בְּמִרְאָה
אֵלָיו אֶתְוַדַּע בְּחִלּוֹם אֶדְבַר־בוֹ:

^{BHT}wayyōmer šim‘û-nā’ d̄əbārāy ʿim-yihye^h nəbī’ākem yhw^h(ʿādōnāy) bammar^{ʾā}h ʿēlāyw ʿeṭwaddā^ʿ baḥālôm ʿādabber-bô (Números 12.6).²²

Números 12:6 Então disse: Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, eu, o SENHOR, em visão a ele me faço conhecer, ou falo com ele em sonhos.²³

Números 12:6 Disse Iahweh: Ouvi, pois, as minhas palavras: se há entre vós um profeta, é em visão que me revelo a ele, é em sonho que lhe falo.²⁴

A seguir, apresento uma tradução literal para que o leitor ou a leitora possam observar, ao comparar as traduções, os problemas que existem neste texto.

E falou: Escutai as minhas palavras; se um profeta vosso (fosse) O Senhor, na visão para ele eu me faço conhecido, no sonho eu falo com ele.

22 BIBLEWORKS, 2001.

23 A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 160 do A.T.

24 A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 234 do A.T.

A tradução final deste texto depende dos resultados de outros passos exegéticos que não são abordados neste trabalho.

Olhando a minha tradução e comparando-a com as traduções vigentes, cai logo na vista a diferença entre as traduções sobre o que vem depois de “E falou”.

O primeiro problema é a palavra יהוה YHWH, “o SENHOR”, depois de נְבִיאֵיכֶם, “vosso profeta”. Deixando como está, simplesmente não faz sentido, pois o profeta não pode ser O SENHOR. Aqui não podemos mesmo parar na tradução. Temos que buscar ajuda na crítica textual. Várias traduções e versões têm apresentado alternativas para tirar sentido desta frase. Vejamos algumas delas.

A *Septuaginta* e a *Versão Siríaca* transpõem YHWH para depois de “e disse”. A *Siríaca* e o *Targum* colocam o pronome “eu” antes de YHWH, ficando “eu, o SENHOR”. Nas traduções para o português, as versões do Almeida e a TEB (*A Bíblia: tradução ecumênica*) optaram por esta última versão²⁵, enquanto que a *Bíblia de Jerusalém* e a *Bíblia Sagrada: edição pastoral* optaram por “e YHWH disse”²⁶. Quem lê hebraico tem condições de acompanhar e entender melhor as alternativas e *ver* o problema diretamente no texto. A *Vulgata* e a *Latina* ainda inserem uma preposição, e com ela separam a palavra נְבִיאֵיכֶם [nəbî'î'ākem] em נְבִיאֵי בְּכֶם [nəbî'î' bəkem] “um profeta entre vós”: “*dixit ad eos audite sermones meos si quis fuerit inter vos propheta Domini in visione apparebo ei vel per somnium loquar ad illum*”²⁷. Uma boa parte das traduções usaram esta versão latina. É bem possível que tenha acontecido uma haplografia, ou seja, o copista viu dois “ב”, mas apenas copiou um. Este tipo de erro também é difícil de se perceber e entender quando não se conhece o hebraico. Sabendo hebraico, é possível *ver* o “ב” e imaginar como poderia acontecer o erro de cópia.

Existem várias explicações e hipóteses sobre qual poderia ter sido de fato o texto original. Não entrarei em detalhes sobre isto neste artigo. O acima exposto basta para demonstrar a importância do conhecimento do hebraico para entender as opções e os argumentos apresentados pelas versões e pelos comentaristas e também para entender como surgem as dife-

25 A BÍBLIA Sagrada, 1969. A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1995. p. 224 do A.T.

26 A BÍBLIA de Jerusalém, 1980. BÍBLIA Sagrada: edição pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional, 1990. p. 164 do A.T.

27 BÍBLIA Sacra: iuxta vulgatum versionem. Stuttgart: Württembergische Bibelanstalt, 1969. Tomus 1, Genesis – Psalmi.

rentes traduções. Quero somente, como curiosidade, fechar o estudo deste texto de Nm 12.6, apresentando uma pequena análise que pode nos ajudar a melhor compreender o debate sobre quem, de fato, era Moisés.

Levine apresenta uma alternativa muito interessante para este texto.

Inevitavelmente, suspeita-se que o versículo tenha sido danificado na transmissão e que a semelhança entre o *yhyh* consonantal e *YHWH* poderia ter produzido o Tetragrama depois de *nəbîʔākem* ao invés de uma outra designação divina que havia ali originalmente. Adiciona a isso a leitura clara de *ʔlyhm* ‘para eles’ encontrado no texto de Qumran, anteriormente no versículo, que é consonantalmente semelhante a *ʔlyhm* ‘Deus, ser divino’, e ocorre ao comentarista que a afirmação original poderia ter sido: *ʔim yihyeh nəbîʔākem ʔelôhîm* ‘mesmo sendo vosso profeta um ser divino’ ele não teria o relacionamento íntimo com *YHWH* que exclusivamente Moisés goza.²⁸

O autor defende esta tese, usando o argumento que, no versículo que segue, Deus diz que Moisés é o membro mais confiado de sua casa, servo no meio dos outros servos; que, de acordo com Êx 7.1, Deus tinha nomeado Moisés como *Deus para o Faraó* e, conforme o Salmo 82, Deus, designado primeiramente como *ʔelôhîm*, presidia o conselho de El, julgava no meio dos deuses *ʔelôhîm*, dos quais ele tinha se desgostado²⁹.

Se a reconstrução do autor for textualmente possível, isso implica que Moisés tinha mais intimidade com Deus do que os outros membros da corte divina.

O nosso autor ainda apresenta outro argumento para provar que Moisés tinha mais intimidade com Deus do que os outros profetas. Ele fala da diferença de vocalização da palavra מראה. No v. 6, Deus se comunica com os outros profetas através de uma visão, aparição מראָה [marāh], que é a forma feminina da palavra. No v. 8, ele aparece para Moisés numa visão clara, excepcional, presencial מַרְאֵה [mareh], que é a forma masculina. Através de uma rápida pesquisa nos dicionários, essa diferenciação se confirma. Koehler-Baumgartner, mesmo colocando um sinal de igual entre os dois vocábulos, diferenciam entre eles ao dizer que a forma masculina indica uma aparência no sentido mais de “presença” enquanto que a forma feminina é usada mais para “aparição, visão”³⁰. Schoekel traduz a forma masculina como “presença” e a forma feminina como “visão celeste, divina”³¹. O

28 LEVINE, Baruch A. **Numbers 1-20: A New Translation with Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 1993. p. 330.

29 BIBLIA Sacra, 1969, p.331.

30 KOEHLER; BAUMGARTNER, 1964, v. 2, p. 630.

31 SCHÖKEL, 1997, p. 400-401.

Hebrew and English Lexicon of the Old Testament traduz a forma feminina como “visão como em meio de revelação” e a forma masculina como “visão, aparência em presença pessoal”³².

Com esses argumentos de fato pode ser entendido que Deus tinha uma relação muito mais íntima com Moisés do que com qualquer outro ser humano. Que implicações tem este fato para a interpretação teológica deste texto? Certamente reforçaria a autoridade de Moisés. Também poderia dar a entender que Moisés era um ser divino, tendo até mais intimidade com Deus do que os da corte de Deus. É possível? Certamente há muitas questões a serem debatidas aqui, mas que não podem ser tratadas neste trabalho.

Pergunto: por que me delonguei tanto neste texto? Chego à conclusão de que a complexidade e a variedade das alternativas de interpretação me fascinaram. O jogo das consoantes e vogais me impressiona sempre de novo. Sem saber hebraico é impossível apreciar o significado deste jogo. Este texto também poderia ter sido danificado; nesse caso, foram propostas alternativas para a sua reconstrução, uma das quais vimos neste artigo. Foi interessante perceber as diferentes maneiras de lidar com este processo.

Justamente por causa da complexidade deste texto sinto que, para chegar a uma tradução mais coesa, será necessário verificar as informações descobertas nos outros passos exegéticos. É necessário saber mais do contexto maior deste texto. Também ajudaria saber com que intenções foi escrito, para que público, em que lugar vivencial foi usado, etc. Isso já não compete ao âmbito deste trabalho. Porém, com o hebraico conseguimos visualizar e entender melhor as alternativas para, assim, ter uma base forte para o resto do processo exegético.

Através desses dois exemplos é possível observar como saber hebraico ajuda a ser mais autônomo e a identificar diretamente no texto original questões importantes como um jogo de palavras. Facilita a compreensão dos argumentos de outros comentaristas. Ajuda-nos a reconhecer de forma independente por que as traduções diferem entre si. Ajuda-nos a questionar de forma mais inteligente os comentaristas. Auxilia no aprofundamento de conceitos e interpretações dos textos para, assim, também melhor contextualizar a mensagem.

Se tudo isto é, de fato, importante, as instituições de formação e as

32 BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. **Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press. Última reimpressão com correções em 1966. p. 1127.

igrejas devem incentivar mais o estudo das línguas bíblicas, em vez de reduzi-lo ou cortá-lo. Apresento algumas sugestões de como podemos ressignificar o estudo e o uso das línguas bíblicas, sem aumentar demais os custos e o tempo de estudo.

Primeiramente, para que estudantes sintam que é importante estudar estas línguas, elas devem ser exigidas no decorrer de todo o estudo da teologia. Obviamente, em aulas de exegese deve ser exigida a tradução do original como parte do trabalho. Em outras disciplinas deve ser incentivado, encorajado e elogiado o uso das línguas nas pesquisas de termos e de conceitos. Nos trabalhos de conclusão na área de Bíblia deve ser exigido que se comprove o conhecimento das línguas.

Em segundo lugar, a Igreja deve incentivar seus obreiros e suas obreiras a usarem as línguas bíblicas no seu trabalho. Como pode fazer isto? Ela pode incentivar os sínodos e as comunidades a disponibilizarem tempo para que obreiros/as possam se reunir para trabalhar juntos os textos do mês nas línguas originais. Poderia oferecer espaços e tempo (pago) para que os/as obreiros/as pudessem reaprender estas línguas. Obreiros/as que já sabem as línguas devem ser encorajados/as e incentivados/as a usar este conhecimento criativamente no seu trabalho pessoal e também em momentos oportunos com grupos na comunidade, através de canto ou de outras maneiras.

Hoje, mais do que em épocas passadas, é necessário que obreiros/as tenham um embasamento firme da sua teologia, pois estamos cada vez mais rodeados/as de religiões, seitas, crenças que questionam valores e conceitos tradicionais. Para podermos dialogar inteligentemente com pensamentos e maneiras diferentes de expressar a fé, é necessário ter conhecimento e convicção. O conhecimento das línguas bíblicas é uma ferramenta muito importante para fortalecer a nossa argumentação teológica e manter a nossa identidade luterana.

Referências

- A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulinas, 1980.
- A BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- A BÍBLIA: tradução ecumênica. São Paulo: Loyola, 1995.
- BIBLEWORKS. Version 5. Bigfork, MT: Hermeneutika, 2001.
- BÍBLIA Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelstiftung, 1967/77.
- BIBLIA Sacra: iuxta vulgatam versionem. Stuttgart: Württembergische Bibelsanstalt, 1969. Tomus 1, Genesis - Psalmi.

BÍBLIA Sagrada: edição pastoral. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional, 1990.

BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. **Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press. Última reimpressão com correções em 1966.

BUTTRICK, George Arthur (Ed.). **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. New York: Abingdon Press, 1956. v. 5.

_____. **The Interpreter's Dictionary of the Bible**. New York: Abingdon Press, 1962. v. 4.

FREEDMAN, David Noel (Ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. New York: Doubleday, 1992. v. 6.

HARMAN, Allan M. The Place of Biblical Languages in the Theological Curriculum. **The Reformed Theological Review**, Australia, v. 50, n. 3, p. 91-97, set./dez. 1991.

HOLLADAY, William L. **Jeremiah 1: A Commentary on the Book of the Prophet Jeremiah**. Philadelphia: Fortress Press, 1986. cap. 1-25.

JUNGHANS, Helmar. **Martin Luther in Two Centuries: The Sixteenth and the Twentieth**. St. Paul, Minnesota: Lutheran Brotherhood Foundation Reformation Research Library, 1992. p. 10-14.

KAUTZSCH, E. (Ed.). **Gesenius' Hebrew Grammar**. 2nd. ed. Oxford: Clarendon, 1966.

KITTEL, Rudolf (Ed.). **Bíblia Hebraica**. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1937.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: E. J. Brill, 1994. v. 4.

KRAHN, Marie Ann Wangen. **Ensino e aprendizagem do hebraico: contextos, princípios e práticas na Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

KRÜGER, René; CROATTO, Severino; MÍGUEZ, Néstor. **Métodos exegeticos**. Buenos Aires: Instituto Superior Evangélico de Estudios Teológicos, 1996.

LEVINE, Baruch A. **Numbers 1-20: A New Translation with Introduction and Commentary**. New York: Doubleday, 1993.

LIPINSKI, Edward. תַּרְשִׁישׁ . In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). **Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1995. v. VIII, p. 445-448.

LUTHER, Martin. On Translating: An Open Letter. In: BACHMANN, E. Theodore (Ed.). **Luther's Works: Word and Sacrament I**. Philadelphia: Muhlenberg Press, 1960. v. 35, p. 177-223.

SCHÖKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução Ivo Stor-

niolo; José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. Tradução de: Diccionario bíblico hebreo-español.

SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica**. São Paulo: Paulinas, 2000.

THOMPSON, John Arthur. **The Book of Jeremiah**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1980.

WEIMARER Ausgabe 15,38,8-11 apud BAESKE, Albrecht. Como se estuda e vive teologia conforme Lutero. In: HOCH, Lothar C. (Ed.). **Formação teológica em terra brasileira**. São Leopoldo: Sinodal, 1986.